

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME DOIS

Farol, Joaquim Paulo Nogueira
Os Nomes Que Faltam, Carlos Alberto Machado
O Parque dos Piqueniques, José Mora Ramos
Stormy Weather, Marcela Costa
O Violino do Avô Africano, Helena Miranda

6

cadernos **Dramat**





DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCE

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Farol

Joaquim Paulo Nogueira

Os Nomes Que Faltam

Carlos Alberto Machado

O Parque dos Piqueniques

José Mora Ramos

Stormy Weather

Marcela Costa

O Violino do Avô Africano

Helena Miranda

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Título: *Dramaturgias Emergentes II*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-015-9

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Farol, <i>Joaquim Paulo Nogueira</i>	11
Os Nomes Que Faltam, <i>Carlos Alberto Machado</i>	61
O Parque dos Piqueniques, <i>José Mora Ramos</i>	105
Stormy Weather, <i>Marcela Costa</i>	153
O Violino do Avô Africano, <i>Helena Miranda</i>	167

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que pensem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum segredo poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

OS NOMES QUE FALTAM

CARLOS ALBERTO MACHADO

Peça para 7 vozes

PERSONAGENS

BLUR

CAMU

LAER

MELI

NORA

NUBE

ROTE

Para o Virgílio Martinho, em sua memória.

“O nosso Mundo é um grande espaço na Terra: o Mundo e a Casa. Um Mundo antigo, marcado pela errância do Tempo. Neste Mundo não há Noite, a Luz é forte e imensa.

Desejo de Lua.

Sofremos com o Frio, com o Calor, com as suas ausências ou os seus excessos.

Desejo de Harmonia.

Temos Caminhos que não sabemos percorrer e voltamos sempre a este Mundo.

Desejo de Paz.

Temos Sede, temos Fome.

Desejo de Água e de Frutos maduros.

Somos Vozes e contamos Histórias.

Somos poucos e sonhamos com uma Terra sem Mal.”

Um

Nora está sentada. Os outros deambulam pelo espaço de terra batida.

CAMU (Para Nora) Qual é o teu nome?

NORA Charlotte.

CAMU Esse já foi ontem.

NORA Ontem? O que é ontem?

CAMU Um novo estremecer desta luz...

BLUR ...outro pão que não veio.

CAMU Gosto de Ofélia.

ROTE Gosto de Jocasta.

LAER Gosto de Julieta.

MELI Gosto de Irina e...

NORA ...Olga. Ontem. A chuva caía com força e nevava.

NUBE Para quê lembrarmo-nos disso agora?

NORA Tenho fome. Hoje. Ontem.

NUBE Ontem. Hoje. Agora.

BLUR (Olhando para cima:) Quando a luz estremece lembro-me do sol nas minhas mãos.

NUBE Porque estremece a luz?

ROTE É o peso do tempo.

LAER Que sabes tu do tempo...

BLUR (Para Rote:) ...uma vez contaste-nos uma história sobre o tempo.

ROTE O tempo empurrou as memórias para fora do meu cérebro. E com elas as palavras.

CAMU Eu lembro-me.

ROTE Sim...?

CAMU ...do cheiro do pão fresco...

ROTE ...não é isso...

BLUR ...o tempo é isso, é.

ROTE Não.

CAMU Eu lembro-me.

BLUR Não sabes, não te lembras.

ROTE Sei..., não..., lembro..., não..., sei..., sei...

NORA Ontem sonhei que o tempo tinha cores e o longe se via.

MELI Isso é um arco-íris.

NORA E isso não é o tempo?

MELI Talvez. O tempo comido pelo sol.

NORA Mas eu não vi as cores, só sonhei que as podia ver...

ROTE A fome não tem cor.

MELI A fome dá mais marradas do que um touro tresmalhado...

NUBE Não é a fome que mata, ou não saber quando virá o alimento. O que mata é a certeza desta luz. Não sabermos já quem somos aqui...

CAMU ...tu também prometeste... não fales assim... não fales...

NUBE ...o tempo...

LAER ...não, não fales do tempo, do pão, de nós, da luz. *(Pausa.)* Já lutámos o que tínhamos de lutar, já discutimos tudo até ao esgotamento.

ROTE O conflito agora é com cada um de nós, dentro de cada um de nós.

CAMU O espectáculo acabou?

NUBE As personagens ficaram lá fora.

LAER (*Para Nube:*) Como te chamas?

NUBE Bianca, Eurídice, Macha... já não sei, meu Deus.

ROTE Deus tirou-nos tudo.

LAER Tens que ter um nome, hoje, amanhã, ontem: diz qual é.

NUBE Está bem, está bem... Jocasta.

LAER Jocasta... está bem.

BLUR Jocasta... porquê Jocasta?

NUBE É necessário olhar agora para o passado?

BLUR Foi uma inquietação que se apoderou de mim.

LAER Gostava de dormir agora.

ROTE Deus sabe quantas vezes me deito com o desejo e até com a esperança de não voltar a acordar.

CAMU Já ouvi essas palavras, já disse essas palavras.

ROTE Se calhar o tempo é isso.

NUBE Repetições, roubos.

CAMU (*Para Nube:*) Onde estavas antes?

NUBE Em casa, a dormir. A ouvir o canto do noctibó. À espera da chuva. E tu?

CAMU Sentado.

NUBE Só?

CAMU A escolha é sempre o mais doloroso, a pergunta certa...

NUBE ... porque estamos aqui?

CAMU Uma escolha, uma decisão, um acaso, as margens...